

**“COMO, NÃO RARO, SE ESCREVE A HISTÓRIA”:
O Levante de 1935 sob o olhar de *a Tarde* e do *Diário de Notícias***

Letícia Santos Silva¹

Resumo: O presente trabalho objetiva discutir como o Levante de 1935 foi representado por dois jornais baianos: *A Tarde* e o *Diário de Notícias*. Desta forma, enquanto o *Diário de Notícias* caracterizou, através de uma nota elaborada por Altamirando Requião, proprietário e diretor do jornal, o motim como um movimento extremista e subversivo, já utilizando a noção de “Intentona”, *A Tarde* abordou o evento e os seus desdobramentos como uma manifestação de oposição ao governo de Getúlio Vargas, acusado de ser incapaz de equilibrar as forças de oposição no país. Em linhas gerais, a comunicação se propõe a discutir as diferentes interpretações dos jornais baianos sobre o Levante de 1935, confrontando-as com as pesquisas já realizadas acerca do tema. Ao longo do texto, problematizam-se, dentre outras questões, o conceito de anticomunismo e a memória oficial acerca da “Intentona Comunista”.
Palavras chave: Comunismo; História; Levante de 1935.

Em 26 de dezembro de 1935, o jornalista Altamirando Requião (1893-1989) escreveu uma nota intitulada “COMO, NÃO RARO, SE ESCREVE A HISTÓRIA”. A matéria era direcionada ao povo baiano, como uma forma de protesto, contra uma carta vinda de Nova York, da agência norte-americana *All America Press Service*. A mensagem foi remetida ao jornal *Diário de Notícias*, com o posicionamento acerca do evento de 1935. Segundo a agência, o que ocorreu em novembro de 1935 foi uma quartelada, uma luta das forças armadas de alguns estados contra o governo central do Rio de Janeiro. O senhor Requião, em nome do periódico, sentiu-se irritado com a situação, pois, segundo o mesmo, de nada valiam os documentos, o posicionamento do poder público brasileiro e, ainda, os depoimentos dos envolvidos no levante comunista para se escrever a História. Como destacou Requião, o que ocorreu de fato foi uma Intentona Comunista. Depois de manifestar tanta indignação, ainda mais porque a carta foi escrita de forma indevida, em castelhano e não em português, o escritor perguntou à sociedade baiana: De agora em diante, as correspondências estrangeiras iriam adulterar os fatos ocorridos em território brasileiro ao seu bel prazer? E como estas agências apresentariam os fatos ao mundo? O diretor e proprietário do *Diário de Notícias* conclamou a sociedade brasileira a favor da tomada de uma posição sincera frente ao ocorrido, pois todos sabiam que os acontecimentos registrados em Natal, Recife e no Rio de Janeiro tratavam-se de uma tentativa revolucionária, com diretrizes

marcadamente extremistas. Assim, a indignação do jornalista demonstrava a necessidade da imprensa brasileira de se posicionar ao lado do governo de Getúlio Vargas (1882- 1954) e de apresentar o seu discurso anticomunista².

Acerca do mesmo tema, *A Tarde*, fazendo referência a uma matéria publicada no jornal inglês *The Times*, noticiou, no dia 29 de novembro, sob o formato de um artigo, os acontecimentos relacionados ao Levante de novembro de 1935. Segundo o periódico britânico, a sublevação brasileira foi, realmente, uma revolta comunista e não um motim contra a Constituição, aprovada no ano anterior³. Contudo, é bastante relevante a posição do jornal londrino, pois afirmou também que, de fato, os acontecimentos no Brasil resultaram de uma política defeituosa, de um sistema que não permitia uma boa relação de equilíbrio entre o governo e a oposição. Assim, nota-se uma discreta crítica do periódico estrangeiro à política de Vargas, ou, ainda, a própria atitude de oposição de *A Tarde*, protegido pela narrativa da outra gazeta.

Ao longo do século XX, a grande imprensa brasileira foi uma arma no sentido de apresentar à sociedade os horrores do comunismo. Assim, os jornais do país não apresentaram os males do comunismo apenas depois do Levante de novembro. Segundo Rodrigo Patto Sá Motta, após a Revolução Russa de 1917 as manifestações contra comunismo começaram a aparecer na imprensa nacional. Em 1922, com o surgimento do Partido Comunista do Brasil (PCB), o bolchevismo entrou no rol das preocupações dos grupos privilegiados. Nesse contexto, na década de 1930, com o crescimento dos ideais comunistas e, ainda mais, com a adesão do antigo líder tenentista Luiz Carlos Prestes (1898- 1990) e a formação da Aliança Nacional Libertadora (ANL), o quadro se agravou⁴.

Com os acontecimentos supracitados, aumentaram as formas de luta contra o comunismo no Brasil. Nesse sentido, como assinalou Motta, criaram-se, assim, bases para estabelecimento de uma sólida tradição anticomunista na sociedade brasileira, reproduzida ao longo das décadas seguintes através da ação do Estado, de organismos sociais e mesmo de indivíduos⁵. Da mesma forma, Carla Simone Rodeghero define o anticomunismo como o conjunto das atividades realizadas por grupos diversos, que constroem e se guiam por uma série de representações definidas como imaginário anticomunista. Essas práticas podem ser realizadas por meio da ação policial, das propagandas, da utilização da educação, da religiosidade, das manifestações públicas e, das mudanças legislativas⁶. No caso da imprensa, esta se valia das palavras para

propagar os horrores do marxismo. No Brasil, a hipótese de o país ser governado pelos comunistas trouxe medo e pavor para diversos setores da sociedade. Portanto, o Levante de 1935 foi uma prova concreta de uma possível implantação das ideias comunistas, sendo motivo de alarme na imprensa nacional.

Conforme Motta, a maneira de exploração e divulgação do episódio de 1935 dificilmente ocorreu de forma similar em outros países. A “Intentona” deu força a um imaginário e criou uma celebração anticomunista ritualizada e sistemática⁷. Enquanto isso, a imprensa brasileira recheava as suas páginas com notas de apoio ao presidente Vargas, estampava notícias acerca de documentos extremistas encontrados pela polícia e de novas prisões dos envolvidos no Levante. As notícias apresentavam o movimento como algo muito mais sério do que a princípio se imaginava, com planos dos revoltosos de chacina dos chefes políticos e comandantes de unidades militares, além de aterrorizarem a população sobre a possibilidade de acontecerem outros levantes, pois existiam novos planos comunistas, tal como o descoberto em dezembro de 1935, que previa massacres de autoridades e populares em uma igreja de Curitiba⁸. Os jornais afirmavam ainda que os deputados que apoiaram o Estado de guerra, para julgar os subversivos, foram ameaçados de morte pelos comunistas do Rio de Janeiro. Desse modo, antes do Natal de 1935, o *Diário de Notícias*, em primeira mão, publicou a lista negra dos comunistas, na qual estavam contidos os nomes de pessoas que seriam fuziladas, em especial o do deputado Abguar Bastos, pois era um dos extremistas⁹.

As matérias, de alguma forma, traduziam as esperanças dos comunistas na organização de novos levantes contra o governo Vargas. De acordo Marly Vianna, mesmo com a derrota do PCB nos movimentos insurrecionais de novembro de 1935 e a repressão sofrida pelos participantes, não houve desânimo por parte dos revolucionários. Por exemplo, no mês de dezembro, os comunistas contavam, ainda, com uma mobilização política da sociedade contra o integralismo e Vargas, além de a direção nacional do partido não ter tido sido presa. O entusiasmo aumentou com as notícias de guerrilhas no Rio Grande do Norte e no Sul da Bahia. Parece inacreditável, mas alguns dos integrantes do partido, que se encontravam presos, dormiam vestidos à espera de uma onda revolucionária que lhes pudesse devolver a liberdade¹⁰.

Para lutar contra possíveis sublevações comunistas, o governo Vargas valeu-se do apoio externo, considerado não apenas bem-vindo, mas também solicitado a outras nações, ponderando a necessidade de mostrar à opinião pública quais eram os países

empenhados no combate mundial contra o comunismo¹¹. Mais uma vez, o nosso personagem, o proprietário do *Diário de Notícias*, publicou uma nota sobre o Levante de 1935, caracterizando o movimento como uma ação comunista e exaltando a atitude do governo do Uruguai em ajudar o Brasil no combate aos marxistas. Mesmo assim, o jornalista advertiu a sociedade baiana que a obsessão pelo credo marxista não iria se atemorizar devido às ações do poder público, tampouco em função do apoio uruguaio aos brasileiros. A nota afirmava que o Uruguai rompeu as relações diplomáticas com a URSS, após o Levante de 1935. Para o jornalista, a única forma de extirpar o exótico credo comunista das terras brasileiras seria com uma educação similar à utilizada na Alemanha e na Itália, que resultaria em uma mentalidade contrária à Moscou¹².

A simpatia do *Diário de Notícias* pela nação germânica não era gratuita. Segundo Cristiano Cruz Alves, a partir de 1935, o jornal passou a contar com diversos colaboradores e anunciantes alemães. Nesse contexto, esses grupos ajudaram a construir uma imagem favorável à Alemanha, apresentando o país a partir de diversos ângulos: social, econômico, político, religioso, etc. Cabe lembrar que o setor fumageiro baiano possuía relações comerciais com os teutônicos, que se apresentavam como os principais importadores do produto. De 1935 a 1942, a gazeta reproduzia o discurso praticado na Alemanha nazista. Assim, as matérias eram elaboradas pelos editores, colaboradores e editorialistas alemães. Os textos vinham da Alemanha com o seguinte título: *Linha de colaboração, exclusiva, para o Diário de Notícias*¹³.

Ainda sobre os acontecimentos de novembro de 1935, a imprensa nacional apresentou os eventos como um exemplo de concretização das características maléficas atribuídas ao comunismo. No mesmo período do levante, o cinema *Alliança* exibia para a sociedade soteropolitana o filme *A Conquista de Um Império*, com imagens extraordinárias de cenas de guerra¹⁴. O levante representou, também, a possibilidade do Brasil ser conquistado pelo bolchevismo. No entanto, mesmo com a demonização do episódio pela imprensa brasileira, Getúlio Vargas empenhou-se em mostrar à população que o governo estava preparado para enfrentar e normalizar a situação. O presidente apresentou o comunismo como uma planta exótica, que jamais medraria no Brasil, pois um povo que tem tradições religiosas, de pátria e de família nunca poderia identificar os seus destinos políticos e humanos com a ideologia bárbara dos russos¹⁵.

De acordo com Motta, a oficialização do termo “Intentona” para se referir ao levante de 1935 somente foi consolidado nos anos posteriores. No entanto, a expressão

foi cunhada, sim, para a ocasião. A matéria “Como; não raro; se escreve a História” apresentou a utilização do termo como exemplo de uma tentativa de revolução extremista¹⁶. Filinto Muller (1970-1973), Chefe da Polícia do Distrito Federal, denominou o movimento de Intentona Comunista, em um relatório apresentado ao presidente. Entretanto, em um primeiro momento, nas páginas dos jornais brasileiros, outras expressões prevaleceram, tais como: revolta, levante, insurreição e movimentos extremistas. A designação intentona foi posta apenas no segundo plano. Entre 1961 e 1964, a expressão Intentona Comunista, utilizada para caracterizar os Levantes de Novembro, já tinha se consolidado¹⁷. O emprego da palavra não foi atribuído apenas à Insurreição de novembro, mas frequentemente utilizada pela imprensa a fim de destacar matérias de cunho sensacionalista. Assim, a expressão foi empregada pelo *Diário de Notícias*, em 1936, para denunciar também uma sublevação integralista, que resultou na prisão dos participantes pela polícia especial¹⁸.

Nas matérias posteriores ao levante de 1935, o *Diário de Notícias* apresentou a insurreição como movimento extremista, marxista, Plano comunista e Intentona. Já o termo revolução não foi encontrado nos jornais baianos. Entretanto, a agência americana *All America Press Service*, na carta ao *Diário de Notícias*, utilizou-se do termo revolução, ressignificado, posteriormente, pelo Estado Novo. No ano de 1935, o conceito de revolução era utilizado pela liberal democracia, na identificação de colapsos de estruturas e/ou transformação violenta de quadros dirigentes. Assim, a palavra revolução assumia um caráter eminentemente de destruição e desorganização¹⁹. Enfim, a terminologia poderia ser utilizada com tranquilidade, já que os jornais apresentaram o levante dessa forma.

Como destacou Angela de Castro Gomes, o Estado Novo, ao reinterpretar o conceito, enfatizou a Revolução de 1930 como um marco na história do país. Portanto, a Revolução foi iniciada em 1930 e concluída em 1937. Nessa fase, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) cuidava do noticiário oficial na imprensa brasileira.²⁰ Entretanto, mesmo antes do surgimento do DIP, o *Diário de Notícias*, fazendo referência ao jornal *A Nação*, demonstrou o seu ponto de vista sobre a Revolução de 1930, insatisfeito com o fato de o Senado Federal em 1936, não comemorar o relevante acontecimento histórico²¹.

Independente da denominação que foi usado para caracterizar o episódio de novembro de 1935, o governador do estado da Bahia garantiu à nação e aos baianos que

iria tomar as mesmas medidas do governo central contra o extremismo e que estaria presente no funeral das vítimas do movimento no Rio de Janeiro. A matéria “As homenagens da Bahia aos que tombaram em defesa da ordem” listou todos os nomes dos mortos, exaltando a demonstração de solidariedade de todo o povo baiano²². No entanto, as vítimas dos outros levantes não foram exaltadas, como ocorreu no caso da capital federal. As matérias acerca das revoltas ocorridas nos estados do Rio Grande do Norte e de Pernambuco não tiveram a mesma ênfase, sobrando espaço até para mencionar, por exemplo, o caso da senhora Leonilla Fernandes, esposa de Raphael Fernandes, governador do Rio Grande do Norte que, ao embarcar do sul do país em direção a Natal, a pedidos de parentes, residentes na capital baiana, ao saber dos acontecimentos, ficou em Salvador e visitou o Palácio da Aclamação²³.

O Levante do Rio de Janeiro ganhou mais ênfase em relação aos demais e a versão de que os militares revolucionários teriam assassinados, em plena madrugada de 27 de novembro, colegas que dormiam em suas camas forneceu elementos importantes para marcar a imagem negativa criada em torno da “Intentona”²⁴. Assim, anos mais tarde, o mito foi consolidado. Contudo, a ideia da morte de inocentes adormecidos, quando, na verdade, lutavam é contraditória. Não obstante, de modo geral, o imaginário é a maneira de por ou dar-se a apresentação de uma coisa, criando novas percepções do real. Mas, o imaginário não é a negação da realidade, e sim a criação de novas relações a partir do real²⁵. Partindo da noção de imaginário, o que ocorreu, de fato, no levante de 1935, para se criar essas representações do evento? Ou seja, o que levou o Estado a divulgar a ideia de que os comunistas mataram pessoas dormindo? Até mesmo as famílias dos oficiais legalistas mortos naquela noite não aceitaram a versão, pois seria desonroso para um militar. Segundo Marly Vianna, apesar da luta encarniçada que resultou na tomada do Terceiro Regimento, apenas duas pessoas morreram, uma de cada lado. Assim, o mito criado em torno dos oficiais mortos dormindo foi pura invenção da policia fascista de Filinto Muller, não sendo veiculada de imediato. Criou-se uma representação oficial sobre o levante²⁶.

Para concluir, destaque-se que as Representações não atuam somente no campo da veracidade, mas no da verossimilhança e da credibilidade. Desta maneira, o mundo é construído contraditoriamente pelos diferentes grupos sociais, a partir das múltiplas configurações das Representações, que não possuem fundamentos neutros²⁷. Assim, a representação de pessoas sendo mortas dormindo proporcionou uma imagem perversa

dos comunistas. No ano de 1937, a comemoração oficial em memória dos mortos teve uma função propagandística bastante explorada. Entretanto, segundo Motta, em 1936, a imprensa não demonstrou tanto interesse em destacar matérias alusivas ao evento²⁸. Nos dois periódicos baianos estudados, não foi diferente, havendo assuntos considerados mais relevantes, a exemplo, da visita do presidente norte- americano Roosevelt ao Brasil. A passagem do presidente pelo Rio de Janeiro foi descrita como uma imensa apoteose em *A Tarde*. A imprensa baiana destacou também a inauguração do Instituto do Cacau, em novembro de 1936, alarmando a importância da instituição para a economia do estado. Durante o mês de novembro, algumas matérias mencionaram os horrores do comunismo e até fizeram novas referências acerca dos envolvidos no levante. Mas, no dia 27 de novembro, não se publicou nada de extraordinário.

Contudo, como afirmou Motta, em 1936, os integralistas tiveram interesse em destacar o evento nos seus jornais. Tudo indica, também, que os camisas-verdes tiveram participação decisiva na comemoração oficial do mesmo ano. Mais do que lembrar os mortos, as comemorações oficiais tinham o intuito de preservar a memória da sociedade acerca dos valores anticomunistas²⁹. A palavra de ordem dos militantes direitistas era “Lembra-vos de 1935”³⁰. Assim, para recordar o levante, o governo utilizou-se do marco 27 de novembro de 1935, apesar das rebeliões não terem começado na capital federal. Como destacou Vianna, o levante do Rio de Janeiro foi o último, em “ajuda” aos do Nordeste. No entanto, para a história oficial, a verdadeira Intentona foi a realizada na Cidade Maravilhosa, que se tornou lugar das comemorações em memória aos oficiais que deram a vida pelo país.

¹ SILVA, Letícia Santos. Graduanda em História/ UNEB. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/ CNPq). Email: letybahia@hotmail.com

² REQUIÃO, Altamirando. Como, não raro, se escreve a história. *Diário de Notícias*, Salvador, 26 dez.1935. p1.

³ O “TIMES” e o movimento subversivo no Brasil. *A Tarde*, Salvador, 30 nov. 1935. p.1

⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho*. São Paulo: Perspectiva: FAPES, 2002. p. XXI

⁵ Ibidem, p. XXII

⁶ RODEGHERO, Carla Simone. Religião e Patriotismo: O anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v 22 nº 44, p. 463- 488, 2002.

⁷ Ibidem, p. 3

⁸ DULLES, John W.O *comunismo no Brasil*, (1935- 1945) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 15.

⁹ A PAVOROSA lista negra do regimen Comunista. *Diário de Notícias*, Salvador, 23 dez. 1935. p. 1. OS COMMUNISTAS do Rio ameaçam assassinar os deputados que querem a declaração do estado de guerra. *Diário de Noticias*, Salvador. 6 dez. 1935. p.1.

-
- ¹⁰ VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 277, 279.
- ¹¹ MOTTA, op.cit., p. 3
- ¹² A ATITUDE do Uruguai. *Diário de Notícias*, Salvador, 28 dez. 1935. p.1.
- ¹³ PEIXOTO, Jose Carlos Junior. *A ascensão do nazismo pela ótica do Diário de Notícias da Bahia: Um estudo de caso. 1935-1941*. 2003. 166f. Dissertação (Programa de Pós- Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia) Salvador, 2003. p. 49, 52 e 65
- ¹⁴ CINEMA Alliança. *Diário de Notícias*, Salvador. 29 nov. 1935, p. 5
- ¹⁵ O SR. Getulio Vargas fala à imprensa do Rio. *Diário de Notícias*, Salvador. 29 nov. 1935. p. 1.
- ¹⁶ MOTTA, op.cit., p. 76
- ¹⁷ Ibidem. p. 77
- ¹⁸ CONCLUÍDO o relatório da Intentona Integralista. *Diário de Notícias*, Salvador. 12 nov. 1936. p.1
- ¹⁹ AMARAL, Azevedo. *A revolução brasileira in Cultura Política*, n 5, julho 1941, p. 133-42. Apud GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro, FGV, 2008.p. 2 e 4
- ²⁰ Ibidem.
- ²¹ NENHUMA palavra sobre o dia da Revolução. *Diário De Notícias*, Salvador. 26 out. 1936. p. 3
- ²² AS HOMENAGENS da Bahia aos que tomaram em defesa da ordem. *Diário de Notícias*, Salvador. 29 nov. 1935.p.8
- ²³ NA BAHIA, a esposa do governador do Rio Grande do Norte. *Diário de Notícias*, Salvador 28 nov. 1935. p. 1.
- ²⁴ MOTTA, op. cit., p. 80.
- ²⁵ LAPLATINE, François; TRINDADE, Liana. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2003.p. 37
- ²⁶ VIANNA, op. cit., p. 253.
- ²⁷ CHARTIER, Roger. *Entre Práticas e Representações*. Lisboa: DIFEL, 1992.p.20,23; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.p.39-41
- ²⁸ MOTTA, op.cit., p. 80
- ²⁹ Ibidem, p. 80, 82, 83
- ³⁰ 7 DIAS de terror, sangue e saques. *Maquis*, n. 13, set. 1956, p. 24-29. Apud MOTTA, op.cit., p. 82.